



Quanto vale
o que fazemos?
de Práticas de Avaliação
Desempenho

 DE FACTO
EDITORES

Maria Palmira Alves
Maria Assunção Flores
Eusébio André Machado

Índice

9 > 16 Introdução

Maria Palmira Alves, Maria Assunção Flores e Eusébio André Machado

**17 > 38 O lugar da observação na avaliação docente:
O que vale o que observamos?**

Maria Alfredo Moreira

39 > 67 Avaliação fria, avaliação quente.

**Contributos para a discussão da complexidade do processo
de avaliação de desempenho docente**

Íris Susana Pires Pereira

69 > 100 Avaliação do Desempenho:

emoções e sentimentos dos professores

Maria Antónia Sousa Martins, Teresa Pessoa e Piedade Vaz-Rebelo

**101 > 122 Concepções sobre avaliação e o (Plano de) Desenvolvimento
Profissional. Um estudo exploratório**

Maria Lurdes de Jesus de Lima e Jacinta Rosa Moreira

123 > 151 A Construção do Plano de Desenvolvimento Profissional

Maria de Fátima Alves Simões, Nubélia Fortunato Coelho de Faria, Sónia Cristina

Nunes Dionísio e Maria Lurdes de Jesus de Lima

**153 > 175 Auto-formação continuada – Contributos do Relatório Final
de Estágio / Portefólio**

Marta Garcia Tracana e Estela P. Ribeiro Lamas

**177 > 195 Os webfólios como contributo para o desenvolvimento
profissional docente e como dispositivo de avaliação**

Jacinta Rosa Moreira e Maria José Ferreira

Introdução

Maria Palmira Alves

Maria Assunção Flores

Eusébio André Machado

Quanto vale o que fazemos?

Formular, hoje, esta questão evidencia que, ao contrário do que aconteceu até há bem pouco tempo, a profissão docente deixou de possuir um “valor” intrínseco e tacitamente reconhecido. Com efeito, pela natureza da sua “missão” incomensurável e superior, ser professor (bastaria, neste contexto, seguir a própria etimologia da palavra...) não reclamava a necessidade de qualquer discurso explícito de legitimação científica, profissional e social. Ao invés, nos tempos que vivemos, e sem qualquer distinção em relação a outros campos profissionais, o trabalho docente é escrutinado, vigiado e avaliado, verificando-se a aplicação dos mesmos referenciais de performatividade que dominam as actuais sociedades globalizadas e informatizadas (Alves & Machado, 2003). Ora, esta mudança terá, obviamente, múltiplas razões de indexação mais ou menos imediata e específica (a massificação do ensino e da profissão, a funcionarização e a regulação burocrática, a sociedade do conhecimento, a heterogeneidade dos contextos e dos públicos, etc.) mas, do nosso ponto de vista, a erosão actual do “valor” do professor deve ser subsumida numa transformação mais radical a que temos vindo a assistir nas últimas décadas:

Pressionados por reivindicações em relação à descida dos resultados dos alunos em comparação com os países concorrentes, considerados incompatíveis com a necessidade de aumentar a competitividade económica e a coesão social, os governos sucessivos tentaram, através das suas reformas, reorientar as fortes tradições liberais e humanistas, caracterizadas por uma crença no valor intrínseco e não instrumental da educação, na direcção de uma visão mais funcional caracterizada pelo ensino baseado nas competências e nos resultados obtidos, pelo salário em função do mérito e pelas formas de regulação indirecta a partir do centro (Day, 2004, p. 88).

É neste contexto que, nas diferentes escalas dos sistemas educativos e em relação aos diversos actores, se tem constituído um “regime de omni-avaliação” (Machado, 2008) como traço central e unificador das agendas e da última geração de políticas educativas cada vez mais globalizadas, através do qual se tenta confirmar a injunção ideológica de que mais avaliação é igual a mais qualidade. Neste sentido, a centralidade da avaliação – e, em particular, no que à avaliação do desempenho docente diz respeito – demonstra não só a aceitação das lógicas meritocráticas tornadas indiscutíveis pelas “avaliações” de organismos internacionais, como também que a “qualidade” do trabalho docente deve sujeitar-se a processos de mensurabilidade em função de “resultados”. Assim, por razões diversas, por vezes mesmo antagónicas, a avaliação acaba por surgir dilacerada entre dois discursos de legitimação (Alves & Machado, 2003): para uns, implícita ou explicitamente, servirá de instrumento de controlo, aferição e gestão numa lógica de regulação burocrática, através da qual os professores são responsabilizados pelas exigências de performatividade e resultados; para outros, servirá os propósitos de desenvolvimento profissional, de reflexividade e de resposta ao acréscimo de complexidade no âmbito de uma regulação profissional, com a qual se procura encontrar novos caminhos para as práticas docentes.

Em vários contextos geográficos têm sido desenvolvidos sistemas de avaliação do desempenho docente que, embora distintos no seu conteúdo, organização e modo de funcionamento, remetem para alguns aspectos comuns, nomeadamente um maior escrutínio público e vigilância do trabalho dos professores, a necessidade de elevar os padrões de ensino e de aprendizagem, a tensão entre propósitos formativos e sumativos, etc. (cf. Flores, 2010), com implicações ao nível da (re) definição do profissionalismo docente. A este propósito, alguns autores (Alves & Machado, 2010; De Ketele, 2010; Paquay, 2004) sustentam que um processo de avaliação de desempenho desenvolvido com propósitos sumativos impõe demasiados constrangimentos à qualidade do trabalho do professor, com efeitos nefastos no seu desenvolvimento profissional, na medida em que a preocupação com a conformidade entre o prescrito e o realizado conduzirá, inevitavelmente, quer ao auto quer ao hetero-controlo, o que favorecerá o individualismo e até mesmo a competitividade, podendo mesmo ser pouco equitativo, algo injusto e não necessariamente mais eficaz. Em contrapartida, um processo de avaliação de desempenho, desenvolvido com propósitos formativos, favorecerá a qualidade do ensino e o desenvolvimento profissional do professor, na medida em que valorizará a pessoa e as suas acções. Esta postura gerará mais facilmente um contexto institucional propício a uma cultura dialógica, em que o trabalho colaborativo, a interacção entre os pares, a aprendizagem significativa e o desenvolvimento sustentável de parcerias com os diferentes agentes do meio envolvente, sustentarão as dinâmicas de ensino/aprendizagem/avaliação, com possibilidades de intervir positivamente, e em simultâneo, ao nível do sucesso educativo, do abandono escolar dos alunos e da auto-estima dos professores.

Neste e noutros sentidos, esta obra pretende contribuir para uma reflexão partilhada e instituinte sobre as práticas de avaliação do desempenho docente, reforçando a capacidade de os pró-

prios professores discutirem, construírem e aplicarem dispositivos de auto-regulação que assegurem a legitimidade de uma avaliação colocada, prioritariamente, ao serviço do desenvolvimento profissional e de uma regulação democrática do trabalho docente. Sabemos, contudo, que existe um conflito de referenciais, que conduzirá a que a opção por um ou outro caminho seja geradora de tensões e mesmo de paradoxos. Perguntar, hoje, pelo “valor” do que fazem os professores não pode deixar de remeter, necessariamente, para a discussão sobre os próprios processos de construção científica, política e social dos “quadros de referência”, dos “padrões de desempenho” ou dos “referenciais de qualidade”: quem os constrói? como construí-los? como utilizá-los? Num contexto de conflito de referenciais, estas questões apontam para a urgência de uma legitimação, a qual deverá começar, antes de mais, por uma re-interrogação das práticas docentes, com os docentes e pelos docentes.

É neste enquadramento, servindo estes propósitos, que esta obra se situa. Reunindo um conjunto de textos de vários autores portugueses, procura problematizar questões ligadas à formação e à avaliação do desempenho, com base em evidência empírica e em testemunhos e experiências neste âmbito, em vários contextos, à luz do desenvolvimento profissional de professores.

Assim, no capítulo I, *O lugar da observação na avaliação docente: O que vale o que observamos?*, Maria Alfredo Moreira propõe que se olhe para uma qualquer escola, se observem as pessoas e se retirem conclusões sobre o que se vê, quem se vê, o que se valoriza, o que se critica e, acima de tudo, sobre o que é invisível e sobre as implicações dessa invisibilidade para a compreensão do trabalho nas escolas e sua transformação. A autora, partindo de uma problematização do conceito de observação no âmbito da avaliação de desempenho docente, identifica as finalidades e posicionamento epistemológico na observação para, de seguida, explorar as potencialidades da observação colaborativa no âmbito do modelo clínico de supervisão. Focando a centralidade da pessoa do ob-

servador neste processo de observação de aulas em contexto de avaliação de desempenho, Maria Alfredo Moreira ressalta a importância da formação ética e política e não apenas técnica do observador/avaliador para a observação e para a avaliação docente e conclui que o valor daquilo que se observa se encontra na exacta medida do valor e qualidade do observador/avaliador.

No capítulo II, *Avaliação fria, avaliação quente. Contributos para a discussão da complexidade do processo de avaliação de desempenho docente*, Íris Pereira, partindo da experiência avaliativa no âmbito do Programa Nacional de Ensino de Português (PNEP), problematiza as finalidades e os efeitos da avaliação, chamando a atenção para a dimensão emocional que, segundo a autora, não deve ser descurada. Íris Pereira discute a lógica formativa e certificativa da avaliação, destacando três dimensões essenciais a partir dos dados recolhidos no âmbito do PNEP e que configuram distintas posições dos formadores avaliadores: o cumprimento do dever formal, a empatia pelos pares e o dever intelectual. A autora termina com o reforço da importância (e do estudo) das emoções no contexto da tomada de decisões dos avaliadores.

E é também com o objectivo de analisar as emoções e os sentimentos dos professores face à avaliação do desempenho que Maria Antónia Martins, Teresa Pessoa e Piedade Vaz-Rebelo, no capítulo III, *Avaliação do Desempenho: emoções e sentimentos dos professores*, dão conta dos resultados de um estudo empírico realizado junto de um grupo de professores. As autoras destacam a emergência de emoções e sentimentos negativos associados ao medo e receio em relação ao processo e resultados da avaliação, ao mal-estar e à injustiça, que se relacionam com a subjectividade e falta de fiabilidade dos critérios de avaliação e, ainda, com a falta de formação adequada (e de legitimidade) dos avaliadores, ressaltando a ausência da sua vertente formativa, orientada para o desenvolvimento profissional dos professores.

Por sua vez, Maria Lurdes de Jesus de Lima e Jacinta Rosa Moreira, no capítulo IV, *Concepções sobre avaliação e o (Plano de) Desenvolvimento Profis-*

sional, apresentam os resultados de um estudo exploratório, realizado no contexto de ensino pós-graduado, com um grupo de professores, sobre as práticas e metodologias de supervisão e avaliação enquanto elementos configuradores do exercício de organização e desenvolvimento curricular, a nível dos ensinos básico e secundário. O objectivo fundamental foi o de compreender as concepções sobre a avaliação e a sua relação com o Plano de Desenvolvimento Profissional, pelo que as autoras problematizam as concepções sobre a avaliação em contexto de supervisão, a importância da construção do Plano de Desenvolvimento Profissional e o contributo deste para o desenvolvimento pessoal, para a aprendizagem profissional e para o desenvolvimento profissional do professor.

No Capítulo V, *A Construção do Plano de Desenvolvimento Profissional*, Maria de Fátima Alves Simões, Nubélia Fortunato Coelho de Faria, Sónia Cristina Nunes Dionísio e Maria Lurdes de Jesus de Lima apresentam o percurso de construção de um Plano de Desenvolvimento Profissional, fazendo depender a sua elaboração do Plano de Desenvolvimento da Escola e respectivo Plano de Acção. Consideram o Plano de Desenvolvimento Profissional como o ponto de partida da Avaliação de Desempenho dos Professores, com potencialidades de mobilização e motivação para as legítimas aspirações que cada professor tem no sentido de melhorar a sua acção profissional promovendo, simultaneamente, o seu desenvolvimento profissional e a aquisição de competências, que concorrem para a melhoria do seu ensino e da aprendizagem dos alunos. Sustentam que na base do Plano de Desenvolvimento Profissional estão lógicas formativas de avaliação e práticas de trabalho colaborativo, de observação de aulas, de reflexão e de autoavaliação.

O processo de avaliação na formação inicial de professores ou a oportunidade de iniciar uma auto-formação continuada é a temática que Marta Garcia Tracana e Estela P. Ribeiro Lamas apresentam no capítulo VI, *Auto-formação continuada, Contributos do Relatório Final de Estágio/Portefólio*. As autoras reflectem sobre o processo de realização do Relatório Final, previsto como etapa final do mestrado em Ensino

de Educação Musical no Ensino Básico, na ESE Jean Piaget de Vila Nova de Gaia. Recorrendo a dados concretos e incidindo sobre o primeiro momento avaliativo da *praxis* docente dos mestrandos, numa perspectiva comparativa entre o que era prática a nível da Licenciatura pré-Bolonha e o que agora se faz a nível do 2.º Ciclo, as autoras questionam o contributo, quer do Relatório Final, quer do Portefólio, para a documentação do desempenho profissional do futuro professor e evidenciam a dinâmica reflexiva como base para uma formação de qualidade dos professores e educadores. O estágio é encarado como a fase da vida académica em que é dada ao futuro professor a oportunidade de iniciar uma auto-formação continuada, de desenvolver competências de reflexão constante sobre o seu desempenho como profissional de ensino, de pesquisa, de curiosidade científica e de permanente investigação da área específica em que actua.

Esta obra encerra com o Capítulo VII, *Os webfólios como contributo para o desenvolvimento profissional docente e como dispositivo de avaliação*, de Jacinta Rosa Moreira e Maria José Ferreira. As autoras apresentam o relato de um projecto de investigação-acção e investigação-formação que incidiu sobre a construção de *webfólios*, segundo uma lógica de trabalho partilhado e colaborativo, com os quais foi possível desenvolver e fundamentar um processo de avaliação de desempenho docente. No âmbito deste projecto, procurou desenvolver-se a ideia dos formandos como sujeitos reflexivos e construtores da sua experiência pedagógica e, desta forma, para além de reunirem trabalhos desenvolvidos ao longo do seu percurso, os *webfolios* constituíram-se como instrumento privilegiado de desenvolvimento profissional num processo permanente de reflexão na e sobre a acção. Neste sentido, através da reflexão partilhada entre professores com experiência de formadores e professores em formação, este projecto assume-se como um contributo para transformar o *portefólio/webfolio* num dispositivo capaz de evidenciar o quotidiano do processo de supervisão/avaliação dos professores.

Referências

Alves, M. P., & Machado, E. A. (2003). Sentido da escola e sentidos da avaliação. *Revista de Estudos Curriculares*, Ano 1, n.º 1, 79-92.

Alves, M. P., & Machado, E. A. (2010). *O pólo de excelência: Caminhos para a avaliação do desempenho docente*. Porto: Areal Editores.

Day, C. (2004). Evaluer la formation continue des enseignants dans le contexte d'une école en changement en vue de favoriser le développement professionnel des acteurs et d'améliorer leur efficacité. In L. Paquay (Dir.). *L'évaluation des enseignants – Tensions et enjeux* (pp. 87-119). Paris: L' Harmattan.

De Ketele, J-M. (2010). A avaliação do desenvolvimento profissional dos professores: Postura de controlo ou postura de reconhecimento? In M. P. Alves & E. A. Machado (Orgs.), *O pólo de excelência: Caminhos para a avaliação do desempenho docente* (pp. 13-31). Porto: Areal Editores.

Flores, M. A. (2010) (Org.). *A Avaliação de professores numa perspectiva internacional: sentidos e implicações*. Porto: Areal Editores.

Machado, E. A. (2008). Perspectivas e Tendências da Investigação em Avaliação: Hipótese para a (re) interrogação de uma actividade. In M. P. Alves & E. A. Machado (Orgs.). In *Avaliação com Sentido (s): Contributos e Questionamentos* (pp. 183-201). Santo Tirso: De Facto Editores.

Paquay, L. (2004). L'évaluation des enseignants et de leur enseignement: pratiques diverses, questions multiples! In L. Paquay (Dir.), *L'évaluation des enseignants: Tensions et enjeux* (pp. 15-57). Paris: L'Harmattan.